

Os reis do horror à italiana

Exaltados como gênios ou enxovalhados como vulgares, Dario Argento, Lucio Fulci e Mario Bava fizeram história como os três terríveis do cinema italiano

Por Daniel Lima

Ilustrações e Diagramação: Milton Costa

Orçamento paupérrimo, equipamentos de terceira, atores improvisados: essa pode ser uma das fórmulas de sucesso no cinema. Numa arte tão industrializada e cara, a falta de dinheiro não deixa de ser uma benção inusitada. Livres de amarras comerciais, cineastas à margem dos grandes estúdios podem levar suas idéias ao limite. E três italianos fizeram isso como poucos, sempre com resultados de cortar a respiração: Dario Argento, Mario Bava e Lucio Fulci. Esse trio, do qual apenas Argento ainda é vivo, lançou suas principais obras nos anos 60 e 70, período em que o cinema italiano era dominado por um esquema de trabalho muito particular: a produção dos "filones", filmes de gêneros como faroeste, comédia ou aventura, geralmente calcados em fórmulas bem definidas - e populares. As filmagens geralmente duravam um mês ou menos, sob orçamentos miúdos. Apesar das estruturas inicialmente bem estipuladas, o espaço para ousadias era grande. Mario Bava, nascido em 1914 na região da Ligúria, norte da Itália, foi o primeiro do trio a se destacar. Depois de vinte anos trabalhando como operador de câmera e diretor de fotografia, inclusive em dois curtas de Roberto Rossellini, Bava estreou na direção em um dos grandes clássicos do horror italiano, *La maschera del demonio* (*Black Sunday* - 1960), filme que lançou a atriz britânica Barbara Steele. Com sua fotografia em preto-e-branco de alto contraste e clima mórbido e erótico, chocou platéias e chegou a ser banido da Inglaterra. Bava deixaria sua marca também em outros gêneros, como na colorida aventura *Ercole al centro della terra* (*Hercules in the Haunted World* - 1961) e na ficção científica *Terrore nello spazio* (*Planet of the Vampires* - 1965).

Barbara Steele em *Black Sunday*, filme que a lançou em 1960



O romano Lucio Fulci, por sua vez, passou boa parte da década de 1960 trabalhando nesse mesmo tipo de "filone" - entre muitas coisas, filmou exemplares da paródia italiana dos filmes de James Bond, a série "002", e faroestes como *Tempo di massacro* (*Massacre Time* - 1966), todos sem muito êxito. O sucesso viria, ironicamente, com uma seqüência apócrifa: *Zombi 2*, de 1979, uma continuação não oficial de *Madrugada dos mortos* (1978), famoso filme de zumbis do estadunidense George A. Romero. A contribuição de Fulci à mitologia dos mortos-vivos de Romero seria, em essência, a mesma de seus compatriotas ao cinema: a transgressão pela condução das imagens cinematográficas ao limite.

Em *Zombi 2*, uma das cenas mais controversas e violentas é a da perfuração de um olho humano, uma referência à abertura de *Um cão andaluz* (1929), de Luis Buñuel. Em ambos os casos, a imagem-choque confronta o subconsciente e ultrapassa fronteiras, sejam elas do real ou do vulgar.

O exagero é uma das tintas mais usadas da paleta do também romano Dario Argento, o mais jovem dos três. Depois de trabalhar como crítico de cinema e roteirista - ele colaborou com Bernardo Bertolucci no roteiro do clássico *Era uma vez no Oeste* (1968), de Sergio Leone -, Argento entrou nos anos 70 produzindo vários filmes do gênero "giallo" - tramas de suspense e mistério envolvendo assassinos seriais cruéis, introduzidas no cinema por Bava em 1963, com *La ragazza che sapeva troppo* (*The Girl who Knew too Much*). Apesar da aparente repetição de fórmula, os filmes de Argento, apelidado de "Hitchcock italiano", se destacariam da produção da época por seus nomes exóticos, com referências a animais (*O pássaro das plumas de cristal*, *O gato de nove caudas*, *Quatro moscas no veludo cinza*), por sua estética estilizada e expressionista, com angulações e iluminação exagerada, e por seu constante uso da arte como elemento dramático e provocador. Em *O pássaro das plumas de cristal* (1970), as mortes têm íntima ligação com arte e artistas: o detetive acidental é um escritor estadunidense radicado em Roma, que presencia um assassinato através da vitrine de uma galeria. De certa forma, Argento mostra que a arte, a violência e o delírio onírico em seus filmes são, ao cabo, apenas formas diferentes de expressão.

O clima de sonho e pesadelo dos filmes de Argento chegaria ao limite em *Suspíria* (1977), considerado por alguns o maior filme de terror de todos os tempos. Pontuado por cenas de morte milimetricamente coreografadas, o filme desconcerta com suas cores fortes e sua temática insólita e surreal. A (pouca) história trata de uma bailarina que ingressa numa academia comandada secretamente por bruxas. Uma viagem ousada.

De certa forma, essa ousadia é o maior legado dessa trinca de cineastas, geralmente desprezados pela crítica quando ativos e, posteriormente, elevados à categoria de gênios cult, inclusive pela revista francesa *Cahiers du Cinéma*, espécie de bíblia dos cinéfilos. Grande parte do ressurgimento dos filmes de terror nas décadas de 1990 e de 2000, com filmes como *Pânico* (1996), deve-se à influência de Bava, Fulci e Argento. Nos últimos anos, a tendência ao cinema brutal, ou "gore" (sanguinário ao extremo), busca referência em obras desses cineastas.

E não só o sangue vertido em profusão foi tomado como inspiração. O exame frio da violência e da brutalidade humana também deixaram seguidores. O polêmico *Assassinos por natureza* (1994), escrito por Quentin Tarantino e dirigido por Oliver Stone, por exemplo, traz muitas semelhanças com *Rabid Dogs* (1974), thriller de Mario Bava. Nele, uma dupla de criminosos toma como reféns uma família e a mantém cativa num carro, num jogo de tortura psicológica e física. Bava e Fulci, no entanto, não viveram para ver suas marcas reverberarem nas gerações mais jovens. Bava morreu em 1980, antes mesmo de ver concluído seu *Rabid Dogs*. Fulci foi vítima do diabetes, falecendo em 1996. Já Argento, sempre tão prolífico, viu sua produção diminuir de ritmo a partir dos anos 90 - ironicamente a época em que sua obra passaria a ser mais apreciada. A lição dos três, no entanto, continua fazendo escola. Filmes de horror de baixo orçamento, audaciosos e provocativos ainda são a ferramenta de muitos jovens cineastas na busca por espaço na indústria. É a mágica do cinema, como resumida por Bava: criar "uma ilusão com quase nada". No caso, sinais luminosos impressos no celulose.